



## **A transformação do estigma em orgulho: redes de sociabilidade LGBT na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

The transformation of stigma in pride: LGBT social efficiency networks at the Federal University of Recôncavo da Bahia

La transformación del estigma en orgullo: redes de socialidad LGBT en la Universidad Federal del Reconocavo de Bahia

**Elder Luan dos Santos Silva** – Universidade Federal da Bahia | Salvador | BA | Brasil | elluanss@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-7184-7119>

**Resumo:** Este texto tem como objetivo refletir sobre o processo de transformação do estigma em orgulho e a criação de redes de sociabilidade e segurança para pessoas LGBTs, a partir das trajetórias formativas de seis estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A abordagem ao tema foi qualitativa e adotou-se a perspectiva da etnometodologia, por meio da etnopesquisa implicada. A compreensão de universidade posta pelas estudantes dão conta de um lugar que ao mesmo tempo em que se apresenta como um terreiro de diversidades, propício para vivência e expressão das sexualidades e gêneros dissidentes, é também um espaço marcado por práticas de silenciamento e invisibilização, especialmente nos espaços formais de aprendizagem. Como resistência e tática de permanência, essas estudantes têm construído e constituído espaços seguros e agenciamentos a possibilitar que suas identidades passem a ser vistas e vivenciadas em locais públicos.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Permanência. Vida universitária.

**Abstract:** This text aims to reflect on the process of transforming stigma into pride and the creation of networks of sociability and security for LGBT people, based on the formative trajectories of six students of the Federal University of Recôncavo da Bahia. The approach to the subject was qualitative, and the ethnomethodology perspective was adopted, through the accomplishment of an ethnopesquisa implied. The students' understanding of the university reveals a place that at the same time presents itself as a space of diversities, conducive to living and expressing dissident sexualities and genres, is also a space marked by practices of silence and invisibilization, especially in formal learning spaces. As resistance and tactics of permanence, these students have built and constituted safe spaces, through self-organization and assemblages that allow their identities to be seen and experienced in public places.

**Key words:** Sexuality. Permanence. University life.

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo reflexionar sobre el proceso de transformación del estigma en orgullo y la creación de redes de sociabilidad y seguridad para personas LGBT, a partir de las trayectorias formativas de seis estudiantes de la Universidad Federal del Recôncavo de Bahía. El enfoque al tema fue cualitativo, y se adoptó la perspectiva de la etnometodología, a través de la realización de una etnopesquisa implicada. La comprensión de la universidad puesta por las estudiantes, da cuenta de un lugar que al mismo tiempo que se presenta como un espacio de diversidades, propicio para la vivencia y expresión de las sexualidades y géneros disidentes, es también un espacio marcado por prácticas de silenciamento e invisibilización, especialmente en los espacios formales de aprendizaje. Como resistencia y tática de permanencia, estos estudiantes han construido y constituido espacios seguros, a través de auto organización y agenciamentos que posibilitan que sus identidades pasen a ser vistas y vivenciadas en lugares públicos.

**Palabras clave:** La sexualidade. Quedarse. Vida Universitaria.

• Recebido em 04 de ago. de 2020 • Aprovado em 22 de out. 2020 • e-issn: 2177-5788

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2020v46n2p409-424>

Copyright © 2020. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos



## 1 Introdução

A instituição universitária, ao longo dos anos, tem se constituído como mais uma das instituições que não apenas reproduzem, mas também atualizam e ordenam as desigualdades e hierarquias de classe, raça, gênero, território, origem, sexualidade, entre outras, contribuindo para que muitos conflitos sociais encontrem em seu interior mecanismos de estabilização, como no caso da heterossexualidade, que assim como na escola secundarista, é estabelecida e estabilizada como única possibilidade legítima de expressão sexual. Nesse sentido, segundo aponta Amaral (2014), a universidade precisa ser compreendida como uma instituição social, que reflete a estrutura e a forma de funcionamento da sociedade como um todo, ao tempo que, por ser uma instituição definida pela sua autonomia intelectual, também produz as suas próprias estruturas, regras, normas, ordenamentos e valores de legitimidade internos a ela.

No que tange aos gêneros e às sexualidades, existe na universidade uma lógica de classificação social que naturaliza as diferenças e hierarquias provenientes dessas classificações, e inferioriza e hostiliza certos grupos, a exemplo daqueles que não correspondem, e mais se afastam, dos requisitos da norma heterossexual e do binarismo de gênero, no sentido de Caetano *et al.* (2010). Segundo Givigi e Oliveira (2013), a universidade é um lugar de produção de microfacismos, organizados pelos currículos, projetos político-pedagógicos, normativas e práticas pedagógicas que se legitimam com base na norma heterossexual e no binarismo de gênero, instituindo e enunciando verdades sobre os corpos, gêneros e sexualidades dos sujeitos, e criando situações de exclusão das possibilidades de vivência múltiplas dos mesmos.

As sexualidades não-heterossexuais e os gêneros que contrariam a lógica binária estão então fadadas a lugares específicos na universidade, como discutido por Nardi *et al.* (2012) e Amaral (2014), e a demarcação de espaços onde é possível falar de, e expressar gêneros e sexualidades, e espaços nos quais a naturalização das relações de gênero, a



heteronormatividade e a hierarquia sexual imperam. Ao tempo em que há espaço e legitimidade das expressões de sexualidade nos objetos de estudo e intervenção, por exemplo, há também uma interdição dessas mesmas expressões nos rituais dos espaços comuns de sociabilização, que marcados pelo sexismo, homolesbotransfobia e diversas discriminações, atuam no silenciamento e opressão das diferentes expressões de gênero e da sexualidade que habitam a universidade.

Os debates sobre gênero e sexualidade nas universidades, estão fadados a espaços específicos, comumente ocupados por pessoas LGBTQs, e/ou por pesquisadores da temática. Da mesma forma, encontra-se a vivência e expressão das sexualidades não normativas, que reprimidas nas salas de aulas e nos espaços formais de aprendizagem, ficam fadadas a lugares específicos, muitas vezes guetizados, onde prevalecem a presença de outros sujeitos LGBTQs, contribuindo, em consequência, para a construção de redes de apoio, solidariedade e sociabilidade.

No Centro de Artes, Humanidade e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, onde esse estudo foi desenvolvido, constatamos, a partir dos relatos das entrevistadas, a existência de redes de sociabilidade LGBTQ, criadas a partir da resistência dos agentes LGBTQs, que, devido às suas experiências com a violência e a lgbtfobia, criaram guetos para vivência e expressão de seus gêneros e sexualidades.

MacRae (2005), em seu estudo realizado em comunidades gays de São Paulo, observou que, nos chamados guetos homossexuais, haviam maiores possibilidades de expressão e vivência da sexualidade entre homens gays sem que houvesse repressão. O que MacRae (1983) observa, tal como já havia sido observado por Peter Fry, é que em áreas de forte repressão da sexualidade, ou em espaços onde há vigilância dos gêneros e sexualidades saudáveis, a população LGBTQ tem criado, em paralelo, áreas para expressão e vivência dos seus gêneros e sexualidade, assim como para contatos afetivos mais explícitos. Não tão distante disso, as redes de sociabilidade entre LGBTQ's, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



(UFRB), surgem justamente a partir da experiência de exclusão dos sujeitos.

Estamos compreendendo redes de sociabilidade, como àqueles espaços onde tornam-se possíveis

contatos, anônimos, repetidos e duradouros, passíveis de serem estabelecidos no quadro de distintas referências, sejam estas, familiares, de amizade, profissionais, de vizinhança, de associação, etc., que têm, não apenas o efeito de socialização, como também o de contágio (URPIA, 2011, p. 182).

No caso da UFRB, falamos das sociabilidades informais, espontâneas, que foram estreitadas pelo convívio e reconhecimento na universidade. Essas redes, tem produzido e permitido a formação, e a saída do armário, o enfrentamento da lgbtfobia, e a partilha de comportamentos, representações e valores, que entre outras coisas, tem possibilitado a construção de um orgulho LGBT.

## **2 Metodologia**

Este estudo, realizado no Centro de Artes, Humanidades e Letras, é um recorte da minha dissertação de mestrado, que teve como objetivo principal discutir a permanência e o processo de reconhecimento de estudantes LGBTs na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A escolha do CAHL como local onde realizaria a pesquisa se deu a partir dos resultados de outro estudo realizado em 2014 na UFRB, sobre a permanência e afiliação de estudantes não-heterossexuais. Nesse estudo, 121 estudantes dos sete centros da universidade foram entrevistados, e entre outras questões apontadas nos resultados, o CAHL apareceu como o centro onde havia maior diversidade sexual e de gênero, e maior respeito e acolhimento à essa diversidade. Da mesma forma, o CAHL foi apontado como o centro onde havia mais atividades que discutissem esses temas, assim como disciplinas nos currículos dos cursos que abordam as relações de gênero e sexualidade.



Ao todo entrevistei seis estudantes, que nesse artigo terão suas identidades preservadas e serão identificados por nomes de Drag Queens – Chi Chi DeVayne, Bob The Drag Queen, Alaska e Shangela – e Drag Kings – De Ville e Nágila. Chi Chi DeVayne é estudante de Jornalismo, natural de Alagoinhas (BA), tem 24 anos, é solteiro/a, sem filhos, oriundo de escola pública e auto identifica-se como negro/a, viado/a e com identidade de gênero fluída; Bob The Drag Queen é estudante de História, natural de Feira de Santana (BA), tem 22 anos, é solteiro/a, sem filhos, oriundo de escola pública e auto identifica-se como negro, homossexual e viado. Nágila é estudante de Serviço Social, natural de Salvador (BA), tem 30 anos, é negra, mulher cisgênera e divorciada; De Ville estuda Publicidade e Propaganda, natural de Valença (PI), é solteira, tem 20 anos, autodeclara-se lésbica, branca e cisgênero; Bebe Zahara é estudante de Licenciatura em Ciências Sociais e graduado em Museologia pela UFRB, nasceu na cidade de Cachoeira, tem 23 anos, é cisgênero, solteiro, homossexual e negro; Alaska é estudante de Jornalismo, natural de Itaberaba (BA), tem 21 anos, é solteiro/a, sem filhos, oriundo de escola pública e se auto identifica como amarelo, bissexual e cisgênero.

A abordagem ao tema foi qualitativa, e adotou-se a perspectiva da etnometodologia, ciência dos etnométodos, que tem como objetivo a busca empírica dos métodos utilizados pelos indivíduos para construir e dar sentido as suas ações cotidianas. Para identificar as interlocutoras da pesquisa, realizei as Rodas de Saberes e Formação (RSF), e a partir da identificação foram realizadas entrevistas etnonarradas e escrita de etnodiários formativos. As entrevistas e as Rodas de Saberes e Formação foram realizadas no Centro de Artes, Humanidades e Letras, e o etnodiário foi utilizado para registro das atividades de campo, assim como dos aspectos observados no cotidiano da universidade.

Assumo aqui, uma posição parcial de ciência, utilizando como referencial teórico-metodológica a etnometodologia, e a etnopesquisa implicada em um estudo que se envereda pelo campo dos estudos feministas, gays, lésbicos e pós-estruturalistas, utilizando de teóricos como REU, Sorocaba, SP, v. 46, n. 2, p. 409-424, dez. 2020



Foucault (1988) e Butler (2003), que me permitem discutir gênero, sexualidade e universidade de uma maneira específica, que não outra. Esse mesmo estudo poderia ser feito a partir de diversas posições políticas, métodos e teorias, o que levaria a conclusões e reflexões totalmente diferentes.

### **3 As redes de sociabilidade LGBT na UFRB**

O acesso de estudantes LGBTs à universidade, muito mais do que o ingresso em um curso superior, simboliza a entrada em novo mundo das relações de gêneros e sexualidades. Mesmo para aquelas que já entraram na universidade fora do armário, a universidade é um espaço completamente diferente daquele que elas estavam acostumadas em suas casas, e cidades de origem, principalmente naquilo que tange à diversidade. A universidade, e no caso específico desse estudo, o Centro de Artes, Humanidades e Letras, simboliza tanto a transformação no processo de reconhecimento da própria sexualidade, quanto transformações nas formas de se vestir, na visão social e política de mundo, e principalmente, nas relações consigo mesmo, e com as suas famílias.

Shangela, Bob The Drag Queen, Nágila e Chi Chi DeVayne, por exemplo, não chegaram na universidade assumidos e relacionam a 'saída do armário' ao encontro com outros pares e ao acesso as discussões de gênero e sexualidade. Para Shangela, entrar na universidade significou um processo de amadurecimento: ele relata que já sabia que era gay, porém só conseguiu transformar a vergonha e o estigma em orgulho, depois que teve acesso aos coletivos estudantis, e as discussões teóricas, que ao contrário de tudo que ele tinha ouvido até então, não mais o posicionava e posicionava a sua sexualidade como uma anomalia ou pecado.

Bob, outro estudante gay, também afirma essas questões, salientando que a transformação do estigma em orgulho se deu dentro da universidade, porém não nos espaços de formação da sala de aula. O reconhecimento de sua identidade LGBT e negra se deu nas redes de sociabilidade, nos espaços informais e na militância LGBT universitária.



*O meu posicionamento político hoje, de me reconhecer enquanto preto e viado, ele veio depois que eu entrei na universidade, e nessa formação de corredores, nessa formação política que você não tem na sala de aula. Toda hora eu estou falando que a sala de aula é horrível. Mas a gente não tem na sala de aula, a gente tem nos corredores. Pra me reconhecer enquanto Preto e LGBT, só mesmo depois da universidade. Depois de você ter contato com outros estudantes LGBTs e negros, e você perceber a importância dessa afirmação, e a importância desse posicionamento político, o que eu só entendi depois que estava aqui. (informação verbal)<sup>1</sup>*

Alaska, estudante bissexual, também corrobora com a afirmação de Bob, de que isso se seu processo de reconhecimento se deu na universidade, porém, não nos espaços formais de aprendizagem.

*A universidade é um... Eu falo a universidade e incluo basicamente os coletivos que eu participei, eu acho que é um espaço que você encontra teorias para te explicar assim sabe, para se entender como você pode agir no mundo sobre a sua sexualidade, sobre seu gênero, sobre suas identificações políticas, enfim. Eu acho que é um espaço bem interessante para você se entender, e você passa por vários processos de mudança durante o período, então quando eu cheguei aqui eu tinha uma visão completamente diferente sobre sexualidade e gênero da visão que eu tenho hoje, nesse cabedal que eu adquiri nos quatro anos. Então eu acho que foi decisivo assim, para me entender. (informação verbal)<sup>2</sup>*

Já para Chi Chi DeVayne e De Ville, além dessas questões salientadas pelos outros estudantes, a universidade, especialmente o CAHL, provocou uma transformação inclusive na forma de se vestir. No caso de De Ville, foi também um processo de aceitação, que ajudou inclusive na afirmação de uma identidade lésbica, qual anteriormente ela negava. De Ville e Chi Chi relatam, que a distância de casa deu mais liberdade de se transformar e de vir a se tornar quem são hoje, não só mais no CAHL e em Cachoeira, como também em suas cidades de origem.

*O fato de sair de casa me influenciou bastante para eu me soltar. Eu já estava numa época que eu já estava começando a entender que eu não queria mais prender isso para mim. Não que eu quisesse que as outras pessoas soubessem que eu era viado, não ia sair gritando na rua, mas eu não queria guardar mais isso para mim. Então eu estava ali e fui pra Cruz, e foi um meio de me soltar, então eu já comecei a mudar as minhas roupas, até que chegou um tempo que eu consegui mudar todo meu guarda roupa. Hoje eu ainda tenho roupas que são lidas para o universo masculino também, dessa construção de homem e mulher. Aí o que mais me influenciou nesse fato desse convívio e tal nesses espaços, foi a questão da*

---

<sup>1</sup> Relato de Bob The Drag Queen, homossexual, estudante de História.

<sup>2</sup> Relato de Alaska, bissexual, conluente de Jornalismo.



*vestimenta, mudou bastante assim, com relação a me expressar. (informação verbal)*<sup>3</sup>

*Eu já era resolvida quando cheguei aqui, eu sabia que eu era lésbica, mas eu tinha vergonha, eu não conseguia falar a palavra lésbica, eu não conseguia falar que eu era sapatão. Se me perguntassem "ah De Ville, você é bi, você é lésbica? O que você é?" "Eu fico, eu gosto de pessoas", e era assim que a gente se comunicava. Hoje não, hoje eu já participei de grupos feministas, grupos LGBTs e comecei a me expressar muito mais. Também fisicamente, mudei fisicamente demais, meu comportamento, meu cabelo e minhas roupas mudaram demais, sou muito aberta para falar da minha sexualidade hoje. (informação verbal)*<sup>4</sup>

Essas transformações, impactaram fortemente na forma como eles e elas se vêem, e a forma como vivenciaram e vivenciam a universidade. Para Shangela, por exemplo, caso não tivesse entrado no CAHL, e se estivesse em uma outra universidade, ou outro centro de ensino em que não houvessem coletivos de diversidade sexual e uma presença muito forte de pessoas LGBTs, ele talvez não estivesse assumido e nem tivesse, aquilo que ele chama, de uma consciência política e o conhecimento sobre si mesmo. Para Nágila, da mesma forma. Ela relata que caso não tivesse se transferido para o CAHL, talvez ainda estivesse casada, ou mantendo relações heterossexuais, já que em suas redes de sociabilidade anteriores, as questões de gênero e sexualidade, e a presença de pessoas LGBTs eram quase que inexistentes.

*Mudou tudo, né? Tudinho. O meu processo de me assumir lésbica foi bem doidinho. Eu fui dizendo que eu ia me desbloquear, eu fui para uma certa viagem e falei "eu vou me desbloquear", porque eu tinha curiosidade. Eu tenho na cabeça que a gente não pode dizer que não gosta de tal coisa, sem a gente não experimentou aquilo. Aí eu beijei uma menina e fiquei toda apaixonadinha. Aí passou-se um tempo e eu achei que aquilo foi só uma curiosidade e tinha passado. Eu ainda estava noiva e tal, mas, mesmo assim, sempre que aparecia uma menina eu ia beijando, e essas coisas foram ficando mais constantes, e foi aí que eu conheci essa minha companheira que eu estou agora, e a gente ficou mais próximas, e foi daí que eu decidi que não tinha mais porque eu ficar me enganando e enganando as pessoas. Então eu pedi pra separar e saí do armário. Eu não sei se eu não tivesse na universidade se eu teria esses espaços, esse momento, essa coragem, esse empoderamento todo. Eu acho que teve uma boa parcela de influência da universidade, principalmente por causa dos pares que a gente vai encontrando. Mas eu acho também, que foi mais a vivência das mulheres próximas, das mulheres lésbicas que a gente acaba conhecendo, ouvindo as experiências e acaba encorajando também, porque eu acho que sozinha, morando na casa de minha mãe*

<sup>3</sup> Relato de Chi Chi DeVayne, viado, estudante de Jornalismo.

<sup>4</sup> Relato de De Ville, lésbica, estudante de Publicidade e Propaganda.



*eu não teria toda essa coragem. Como eu estou aqui, eu tenho mais essa sensação de independência. (informação verbal)<sup>5</sup>*

Todas elas apontam a distância de casa e a diversidade do espaço como fatores que influenciaram em seus processos de transformação, e saída do armário. Entre as primeiras coisas que a universidade simboliza, está a possibilidade de vivenciar a sexualidade em espaços públicos, e não mais em locais escondidos. Entretanto, se assumir e passar a vivenciar a sexualidade nesse espaço, acabou também por acarretar uma série de problemas, principalmente nos espaços formais de aprendizagens, e nas relações com professores e com o funcionamento institucional da universidade.

Shangela salienta que o fato de ser lido como bicha pelos seus colegas e professores, acarretou um afastamento, principalmente dos estudantes homens heterossexuais, e uma perda de credibilidade dentro da sala de aula, pois a sua performance de gênero era lida como não condizente com o perfil ideal de estudante universitário. Segundo Sardenberg (2002), isso se dá porque o ideal de ciência sempre foi masculino e androcêntrica, e os homens sempre estiveram colocados como sujeitos universais da ciência moderna. Nesse caso, o perfil ideal de cientista, está entre outras coisas, afastado daquilo que socialmente é lido como coisas de mulher, ou que se relacionem com o universo feminino. Ao não performar os ideais de masculinidade, Shangela sofria violência de gênero ao duvidarem de suas capacidades intelectuais.

*O problema é/era, o nível de seriedade que os professores e os estudantes se voltavam contra mim. Os meus trabalhos eram vistos como trabalhos folclóricos, alegóricos, porque Shangela era muito comunicativa, tinha muita "estremilice" na aula, e eu fechava bastante, então os professores não me viam muito com seriedade, meio que me julgavam, aí eu tinha que provar a todo o momento que eu era fechosa, mas eu era boa, e isso foi se colocando a cada semestre, e aí fui falando "eu sou fechativa, eu sou do fecho, mas eu também tenho embasamento e conteúdo, eu sou close e condições". (informação verbal)<sup>6</sup>*

---

<sup>5</sup> Relato de Nágila, estudante de Serviço Social, lésbica.

<sup>6</sup> Relato de Shangela, homossexual, negro, graduando de Museologia.



Já para Bob, se reconhecer provocou um afastamento do curso de História, pois não se via reconhecido na sala de aula, da mesma forma que se via em outros espaços da universidade, principalmente os “corredores”, metáfora que ele usa para se referir aos espaços de convivência extraclasse. Tanto Bob, quanto Nágila e Alaska, afirmam que a sala de aula se constitui como um lugar de produção de violências, opressões e negações, principalmente nos momentos em que se posicionavam como LGBT e em defesa das discussões de gênero e sexualidade. Para Bob, isso foi tão definidor na sua experiência universitária, que em um determinado momento ele cogitou inclusive largar o curso de História.

*Há pouco tempo eu tentei desistir do curso de história pra passar pro de cinema, e uma das coisas que me motivou, que me fez tentar trocar de curso foi porque eu estou no curso há 6 semestres, eu já tentei de tudo, eu já tentei de várias maneiras me colocar dentro do curso como negro e LGBT, mas a minha passagem é invisível, eu não consigo me ver dentro de um curso de história que, por exemplo, não discute sexualidade, não discute gênero, não discute raça, eu tento me ver dentro do curso, eu tento me ver nos professores, mas eu não consigo, não tem, não tem como. Eu acho que isso, foi o que mais pegou. É você não ter essa discussão na sala de aula, e quando você tentar propor essa discussão você não ter pra onde ir, você não tem pra onde ir. (informação verbal)<sup>7</sup>*

É isso, que na compreensão de Alaska faz do CAHL um espaço paradoxal. Pois ao tempo que se constitui como um lugar que possibilita as vivências e expressões das sexualidades e gêneros não normativos, se constitui também como um lugar onde violências cotidianas e espetaculares, de acordo com Amaral (2014), circulam naturalmente. Todos e todas entrevistadas consideram o CAHL um lugar violento, mas que, violenta com sutileza, operando micropoderes que tentam deslegitimar e silenciar as transgressões a norma.

Shangela relata que os controles de comportamento surgem como que de maneira despretensiosa, por meio de frases e expressões que já se tornaram corriqueiras em seu cotidiano, como: “seja mais sério”; “não é assim que se comporta”; “olha o tom da voz”; “olha seu gestual”. Bob também afirma que isso não é uma coisa direta, é uma violência que circula

---

<sup>7</sup> Relato de Bob The Drag Queen, homossexual, estudante de História.



nas entrelinhas dos discursos, é assim como salienta Amaral (2014), uma violência cotidiana, que no caso do CAHL, se camufla justamente na idealização de que o centro, por ter muitos estudantes LGBTs, é um lugar seguro de práticas violentas. Para Bob, a violência na universidade tem contornos mais específicos, e funciona como uma violência epistêmica, que governa a sua sexualidade na sala de aula, e lhe impede de discutir temas e construir um conhecimento descolonizado, que não reproduza racismos, machismos e LGBTfobia.

*A violência na universidade é uma violência institucional quando lhe limita, eu acho que isso já é uma violência, lhe limita por exemplo quando o curso, um curso de história não se discute questão de gênero, que não se discute sexualidade, eu acho que isso é uma violência, quando não se discute raça dentro da sala de aula, é uma violência comigo, é uma violência com quem vai aprender comigo, é uma violência com a sala de aula e com a sociedade. E para além disso, tem a violência também, que está mais explícita dentro do centro, por exemplo quando você é agredido por levantar um questionamento diferente do de alguém, você é agredido quando você é excluído dentro da sala de aula, você é agredido quando você levanta questões que eles acreditam que não são pertinentes e você é silenciado, eu acho que você é agredido dessa forma também, e acho que isso também é violência. (informação verbal)<sup>8</sup>*

Eles e elas também denunciam a inércia da instituição frente a essas questões, e o consequente apoio que ela acaba dando, quando escolhe não se manifestar, nem desenvolver nenhum tipo de ação que reverta esse quadro. Para Chi Chi DeVayne, isso é intencional, pois esse espaço não foi desenvolvido para receber estudantes LGBT, e mais que isso, ele atua a todo o momento na intenção de expulsar, aqueles que contrariamente o acessaram.

*A universidade atua assim como o estado faz com a gente. O estado que a gente não vê quem é, mas que está o tempo todo nos violentando. Seja de forma racista, LGBTfóbica, machista e tal, está nos violentando o tempo todo. Então a instituição às vezes funciona dessa forma, porque é uma reprodução, porque esse espaço não é feito para a gente, esse espaço é construído de uma outra perspectiva sabe?! Justamente para esse ideal de pessoas heterossexuais, de pessoas brancas heterossexuais, então esse espaço está o tempo todo enxotando a gente. Esse espaço já é de difícil acesso para essas pessoas, e o tempo todo que ela/você está dentro desse espaço, tem essa questão da instituição que te empurra o tempo todo para fora daqui. (informação verbal)<sup>9</sup>*

---

<sup>8</sup> Relato de Bob The Drag Queen, homossexual, estudante de História.

<sup>9</sup> Relato de Chi Chi DeVayne, viado, estudante de Jornalismo.



Chi Chi e as outras entrevistadas reforçam em seu pensamento, aquilo que Amaral (2014) e Nardi *et al.* (2012) salientam, que a instituição universitária é LGBTfóbica e atua na reprodução, produção e atualização das desigualdades sociais. No caso do CAHL, o que o faz ser um espaço mais seguro para a vivência de Chi Chi, não é a instituição, mas sim as pessoas. Chi Chi, antes de acessar o curso de Jornalismo no CAHL, foi estudante de Engenharia Florestal em outro centro de ensino da UFRB. Ao comparar sua experiência como estudante de Engenharia Florestal e de Jornalismo, tanto o CAHL quanto o outro centro que ele estudava, não desenvolvem políticas e ações que visem a permanência LGBT, ela é conquistada por meio de ações individuais e coletivas, por meio dos coletivos de diversidade sexual, gênero e raça, que travam uma luta institucional e entre os próprios estudantes que, por meio de suas redes de sociabilidade, apoio e segurança, tentam fazer da universidade um espaço menos racista, machista e LGBTfóbico.

Bob ressalta que a maior vilã da sua formação é a sala de aula. Ele e Shangela relatam que a sala de aula não passava de uma obrigação, e uma obrigação muitas vezes tortuosa, e que não frequentar, ou frequentar o mínimo possível, ao mesmo tempo frequentando os espaços dos coletivos, e criando redes de sociabilidade, foram a principal estratégia de permanência na universidade. Tanto Bob, quanto Shangela contam que a maior motivação que tinham de vir para a universidade, era encontrar os outros pares e vivenciar aquilo, que às vezes, não é possível de ser vivenciado do lado de fora dos muros da instituição. Afastar-se da sala aparece então pra Bob, como a principal estratégia desenvolvida para permanecer:



*Me afastar da sala, por exemplo, foi uma estratégia de permanência. Se eu tivesse me mantido integralmente dentro da sala de aula, se eu fosse como os outros estudantes da minha sala, que são mais de ficar na sala e não participar de outros espaços dentro da universidade, com certeza eu não estaria aqui, eu não teria dado conta de estar nesse espaço, porque é a questão mesmo de você não se reconhecer, você não se ver mesmo como negro e LGBT dentro da sala de aula, então, eu acho que foi uma estratégia de permanência, você formar grupos, você se afastar da sala de aula, e procurar pares, pessoas que lhe representem realmente, que você se sinta representado. (informação verbal)<sup>10</sup>*

A trajetória de LGBTs na universidade, no que tange às vivências das interlocutoras dessa pesquisa, tem sido marcada por uma forte disparidade de experiências dentro e fora dos espaços formativos. É como se ao mesmo tempo, em uma única instituição, houvesse várias universidades, aquela que é construída pelos estudantes no dia a dia em suas redes de sociabilidade, e a universidade institucional, a das normas, regras e currículos. O que demonstra também a existência de dois processos de afiliação universitária distintos, aquele que tange ao aprendizado do funcionamento institucional, que tem sido travado pela falta de diálogo com questões de gênero e sexualidade, e um outro que se refere ao convívio social e o aprendizado dessas normas de convivência.

#### **4 Considerações finais**

O que percebemos por meio das entrevistas é que o acesso de sujeitos com gêneros, corpos, sexualidades e performances destoantes dos padrões normativos gera, institucionalmente, justamente o contrário do que se espera para a efetividade da permanência qualificada, o que impossibilita então o processo de afiliação acadêmica e institucional, por meio da incorporação das regras e integração completa ao espaço universitário, garantia que os mesmos possuem nas redes de apoio e sociabilidade e nos coletivos de diversidade sexual.

A vinda para a universidade, ou mais especificamente para o Centro de Artes, Humanidades e Letras, onde esse debate e vivência tem sido instituído por alguns estudantes, provoca então múltiplas rupturas para os

---

<sup>10</sup> Relato de Bob The Drag Queen, homossexual, estudante de História.



recém-chegados. A saída do armário, a entrada em movimentos sociais LGBTs, a transformação na forma de se vestir, as mudanças nas relações familiares são algumas das alterações provocadas pelos processos de reconhecimento e aceitação, que só foram possibilitados após o ingresso no ensino superior. A universidade se apresenta como um novo mundo das relações de gênero e sexualidade, onde suas identidades são reconhecidas, e espaço único onde a saída do armário passa a ser permitida.

A principal questão que aparece no discurso de todas as interlocutoras é a transformação do estigma em orgulho e as consequências disso em suas vidas afetivo-sexual, que passam a ser vistas e vivenciadas não mais em espaços privados, mas em locais públicos. Entretanto, assim como já frisamos, isso só se torna possível por meio das redes de sociabilidade, dos encontros fora da sala de aula e fora dos espaços formais e institucionais de formação e aprendizagem.

Se por um lado, a experiência universitária por meio dos coletivos e espaços de sociabilidade contribui na transformação do estigma em orgulho, os espaços formais de aprendizagem têm atuado no reforço dos estigmas e na construção de lugares possíveis ou não de expressão e vivência das sexualidades e gêneros dissidentes. Quem tem feito da universidade um lugar mais seguro são as próprias estudantes, que marcadas pelas violências sexuais e de gênero, organizam-se em coletivos acadêmicos, políticos e afetivos, para compartilhar suas dores, e traçar formas de curá-las.

Parte da opressão vivenciada por essas estudantes é decorrente da forma como o conhecimento científico tem se organizado, e pelas noções de gênero e sexualidade que são acionadas como norma na política institucional e formativa. Quem são os sujeitos possíveis para as políticas de permanência? Quais homens e mulheres são (in)visibilizados nos atos formativos?

A transformação do estigma em orgulho exige uma política de reconhecimento. O que demandam essas estudantes é a necessidade de terem as suas existências reconhecidas pela universidade, enquanto



instituição pública, e pelos sujeitos universitários, aqueles que compõem a comunidade universitária em todas as suas categorias. A universidade precisa construir uma política que primeiramente torne possível a existência desses sujeitos – que ainda não existem institucionalmente.

Por meio da adoção do nome social, do uso do banheiro segundo Identidade de Gênero, a existência de pessoas LGBTs no espaço universitário precisa ser reconhecida, e isso significa reconhecer que existe uma infinidade de possibilidades de ser (ou não ser) homem e mulher. Construir uma política universitária que transforme o estigma em orgulho, demanda ainda a consolidação da universidade, e da comunidade em seu entorno, como um espaço seguro para vivência e expressão das identidades LGBTs, livre de machismos, misoginias, racismos e toda e qualquer manifestação de lgbtfobia.

## Referências

AMARAL, Julião G. Coletivos universitários de diversidade sexual e a crítica à institucionalização da militância LGBT. **Século XXI – Revista de Ciências Sociais**, Santa Maria, v. 4, n. 2, 133-179, jul./dez. 2014.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Marcio *et al.* A produção da heteronormatividade na escola: práticas curriculares e identidades. *In*: MESSEDER, Suely. A.; MARTINS, Marco A. M. (Org.). **Enlaçando sexualidades**. Salvador: Eduneb, 2010. p. 189-200.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIVIGI, Ana Cristina N.; OLIVEIRA, Camila S. de. Aquenda! Universidade: o recôncavo baiano sai do armário. *In*: GIVIGI, Ana Cristina N.; DORNELLES, Priscila G. **O recôncavo baiano sai do armário**: universidade, gênero e sexualidade. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2013. p. 13-29.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. *In*: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2005. p. 291-308.

NARDI, Henrique C. [*et al.*]. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 179-200, 2012.



SARDENBERG, Cecília M. B. Da crítica feminista à ciência. Uma ciência feminista? *In*: COSTA, Ana A. A.; SARDENBERG, Cecilia M. B. (Orgs.) **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 89-120. (Coleção Bahianas, 8).

URPIA, Ana Maria de O.; SAMPAIO, Sonia M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. *In*: SAMPAIO, Sonia M. R. (Org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 145-168.